

ENSAIOS

CAEIRO, NATURALMENTE

Roberval Alves Pereira

Prof. Assistente do Dep. de Letras e Artes

Mestre em Letras pela UFBA

Dos heterônimos de Fernando Pessoa, Alberto Caeiro é certamente o mais simples e, por isso mesmo, talvez o mais difícil de ser estudado. Pois estudá-lo, em certo sentido seria tirá-lo da simplicidade, ou seja, seria complicá-lo, enquadrando-o neste ou naquele modelo teórico, através de um sistema lógico de relações e conceitos. Seria, enfim, não compreendê-lo, no sentido literal da palavra.

Por que então o estudamos tanto? Talvez essa pergunta encerre mesmo o sentido deste breve ensaio. Talvez até o transcenda, por apontar em muitas direções. Uma delas — que nos interessa, o próprio Caeiro; uma outra, de igual interesse, nós, seus leitores. Nós, os complicados; ele o sábio: aquele que logrou realizar a circular travessia que vai da inocência, passa pela complicação e atinge uma segunda inocência, já numa perspectiva bastante diversa da inicial.

A dificuldade em estudá-lo coincidiria então com a dificuldade mesma de entendê-lo, numa perspectiva mais ampla. Interpretar um sábio, sem sê-lo, é, no mínimo, falácia. Mas existe ainda um outro risco. Como são poucos os sábios verdadeiros, a falácia sempre convence a um número imenso não só de leigos, mas, sobretudo, de especialistas, sobretudo quando aparece bem estruturada, apoiada pela coerência das proposições, das referências felizes e do domínio meramente intelectual das várias vertentes do saber.

Não afirmo que tal falácia seja propriamente sinônimo de desonestidade. Trata-se, com efeito, de uma limitação, ou melhor, de uma situação (da qual nem sempre me faço consciente): não sou um inocente, mas não sou um sábio: sou um ser intermediário: um ser complicado, um homem de ciência, um ocidental: este é o meu universo.

Caeiro, no entanto, como bem afirma Álvaro de Campos, é “um outro universo”, que desconheço e ao qual não posso, com os meios de transporte que possuo, ter acesso. Cabe aqui completar: um outro universo que engloba o meu e que finalmente, por transcendê-lo, rejeita-o, situando-se num outro nível de realidade. Um nível que é, a um só tempo, anterior e posterior ao do homem altamente intelectualizado e imbuído de um vasto conhecimento simbólico, a partir de que articula todo um sofisticado projeto de apreensão do real.

Caeiro, sob este aspecto, é, sem dúvida, um desarticulador, um sereno

revolucionário. Em todos os seus poemas insinua-se, direta e/ou indiretamente, este desfazer-se *natural* de toda uma sedimentação de valores, que se evaporam ante sua visão transparente das coisas — sejam elas cores, montanhas, palavras —, que consiste em vê-las como se mostram aos sentidos, no momento mesmo em que se mostram, desprovidas de qualquer outro sentido, além de serem o que são: montanhas, cores, palavras. Mas esses valores negados, se prestamos bem atenção, jamais deixam de estar presentes. Diz o poeta: *Procuro despir-me do que aprendi, / Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram, / E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos*. Nada disso, porém em momento algum o atormenta, pois ele sempre se nos afigura como aquele mestre Zen que assim expressa sua sabedoria: “O homem que é senhor de si, onde quer que se encontre, procede com fidelidade a si mesmo”.

Assim é Caeiro em todas as situações, vale dizer, praticamente em todos os seus poemas: sereno e possuidor de uma visão penetrante, comparável à superfície polida de um espelho.

Mudemos um pouco o rumo da nossa discussão. No início desta exposição, perguntamos: Caeiro, por que o estudamos tanto, se fazê-lo pode levar-nos a um distanciamento cada vez maior dele? Acresçamos agora — realçando mais ainda a nossa ignorância — a seguinte pergunta: Quem é mesmo Alberto Caeiro? Mas sejamos honestos e respondamos: Caeiro é simplesmente uma ficção. Ora, esta questão, acompanhada da resposta que lhe demos e que corresponde à realidade dos fatos, coloca, pelo menos à primeira vista, sob suspeita tudo o que acabamos de afirmar sobre o poeta que, de sábio que era, converte-se de repente numa simples miragem, exatamente o oposto daquilo que canta em praticamente todos os seus versos, agora também questionados, enquanto frutos de uma *experiência fingida*. Alberto Caeiro, o sábio, não existe, pois não passa de ser um determinado número de poemas, uma biografia inventada, opiniões, comentários, etc., nascidos de uma trama criativa genial de Fernando Pessoa, ele mesmo.

Neste caso, teríamos que, pelo menos de passagem, deslocar o nosso enfoque de Caeiro para Pessoa, se quiséssemos resgatar alguma validade dos argumentos colocados no início da discussão. Poderíamos então perguntar: Mas quem é Fernando Pessoa? E as respostas seriam muitas: homem culto, urbano, poeta, crítico, filósofo, alcoólatra, histérico... e, talvez por tudo isso, ou apesar disso, em certos momentos um sábio. Mas este sábio, quem é? Precisamente Alberto Caeiro, que, mesmo sendo uma ficção, fruto por assim dizer de um fingimento, é também um poeta real, porque todo poeta é um ser arquetípico, que só se configura mediante a encenação (fingimento), ao nível lingüístico, daquilo que é.

Vendo desse modo, não só Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis, mas, quaisquer outros poetas existentes no mundo só podem existir no plano da ficção, aqui entendida como uma visão especial do real transformada em linguagem. Caeiro é uma dessas visões, aquela que corresponde à do mestre

que Pessoa, de algum modo e em alguns momentos da sua vida, foi. E somente uma coisa nos autoriza a dizê-lo: o conjunto dos poemas de Caeiro, cuja honesta leitura nos conduziria ao silêncio, em lugar da crítica e da teoria. Pois o sábio poeta nos diria serenamente: “Poemas são feitos para serem lidos, como a chuva que cai sobre a terra porque assim é que é. Estudar poemas, analisá-los é não saberviver”.

Nós, no entanto, o negamos. E, diga-se, com enorme eficácia. Possuímos muitos saberes para simplesmente nos contentarmos em lê-lo, e silenciar. Para nós, compreendê-lo é sinônimo de traduzi-lo, no sentido de submeter o seu mundo às complicadas e distintas leis do nosso. Trata-se, efetivamente, de um exagero interpretativo que resulta, no final das contas, numa operação redutora e danosa. Que insiste em reduzir o desconhecido ao já conhecido: pressupostos, hipóteses, etc.. Mas isto, neste caso, além de ser uma violação é a própria negação do conhecimento, que implica sempre a descoberta do *outro*, e não a sua captura e morte, ou seja, a sua redução ao *mesmo*, sem que deste se possa de novo alcançar o *outro*, senão por meros artifícios retóricos: aquela falácia a que nos referíamos.

Esse problema, a rigor, não existe apenas em relação à obra de Caeiro, mas a toda e qualquer obra de arte. Aqui ele apenas agrava-se, ou torna-se mais nítido. Pois toda a Crítica, enquanto Princípio que só se mantém duvidando de si e de tudo continuamente — traduz-se no exercício de um despotismo que submete o que quer que toque ou deseje ao princípio-navalha da demolição. O homem moderno é um ser destroçado. Pois a Crítica, no sentido aqui colocado, aparece no cenário do mundo contemporâneo, desempenhando o papel de uma espécie de *robot*transmental: ela cumpre com eficiência o seu papel (que é, pelas suas proporções, inabarcável por qualquer indivíduo isoladamente ou por todos eles em seu conjunto), mas carece de sentido em seu inevitável e mecânico desdobramento, assim expresso: crítica, crítica da crítica, crítica da crítica da crítica — até quando?

O que confere autêntica sabedoria a Caeiro é o fato de ter percebido — iluminado talvez pela longínqua luz do Oriente —, e de forma bastante antecipada, historicamente falando, que o mundo moderno é um mundo empanturrado de saber. Um saber absurdo e pesado: uma espécie de antibiótico em *overdose* contra doenças milenares engendradas no corpo da Civilização Ocidental e que remotam à influência primordial dos gregos antigos. Corre-se o risco de matar a doença e, com ela, o corpo em que está instalada. Caeiro adota — em meio a tantas e tão obsessivas facilidades farmacêuticas e laboratoriais — um regime naturalista. Mas não se trata em absoluto de um naturalismo ingênuo. Não há sábios ingênuos. Diríamos que se trata de uma visão poética, portanto ingênuo e civilizada a um só tempo —, de que se depreende uma postura filosófica, que se desdobra numa postura radical ante tendências poderosas vigentes no mundo moderno, que não admite, por exemplo, a figura do mestre, porque se impessoaliza e se perde nas mil e uma linguagens.

O próprio Fernando Pessoa, se considerarmos as diversas facetas de sua personalidade, desdobradas em sua personalidade poética, é certamente um ser dividido, ou seja: mais uma vítima genial do espírito esfacelado (e esfacelador) que é a marca maior da assim chamada Modernidade. E quando o chamamos de vítima genial, é por considerarmos que, ao realçar ao extremo o espírito fragmentado do nosso tempo, conseguiu ao mesmo tempo apontar para a gravidade do seu estado. E, além disso, através de Caeiro, esboçar uma reação — quiçá imperfeita, mesmo porque sabedoria não é necessariamente sinônimo de perfeição — que somente no futuro, se futuro houver, se concretizará.

BIBLIOGRAFIA

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1972.